

Intervenções da psicologia na escola frente ao *cyberbullying* entre adolescentes*Interventions of psychology at school in the face of cyberbullying among adolescents*Larissa Johanna Nunes da SILVA¹Karla Fabiana Figueiredo Luna de MENEZES²

Resumo: O presente trabalho versa sobre o avanço da tecnologia e as novas formas de criação de laços que esta viabiliza. Através dos dispositivos tecnológicos atuais é possível que os usuários inseridos interajam sem se preocupar com tempo ou espaço, sobretudo entre os adolescentes. Acompanhada das interações digitais, estão implicados eventos semelhantes aos que se dão no ambiente físico, como a expressão da violência. Nesse sentido, temos como objetivo geral ponderar formas de intervenção da psicologia na escola frente ao *Cyberbullying* entre adolescentes. Buscando, portanto, discorrer manejos cabíveis da psicologia no ambiente escolar diante deste fenômeno. Nesse contexto, surge à necessidade de discutir sobre como o fenômeno se dá e quais suas repercussões nos sujeitos, identificando a representação de papéis das suas respectivas dinâmicas sociais. Para o alcance da temática proposta, foi discorrido sobre o exercício da instituição escolar e o processo de subjetivação à luz da psicanálise, contando ainda com o olhar histórico reflexivo. Com isso, evidenciou-se não apenas as possibilidades da psicologia, mas se refletiu sobre a dinâmica dos sujeitos que protagonizam o fenômeno, envolvendo a família e a escola. Assim, a pesquisa demonstra que uma rede de cuidado atenta diante da constituição do adolescente, composta por pais ou responsáveis, e uma equipe escolar, sendo estes os meios principais que lhe atravessam, é possível trabalhar com suas perspectivas de si mesmos e do mundo, estabelecendo espaços para o valimento do diferente, tocando diretamente nos vínculos criados no social e no virtual.

Palavras-chave: Adolescência. Cyberbullying. Escola. Psicologia Escolar.

Abstract: This paper discusses the advancement of technology and the new forms of bonding that it makes possible. Through current technological devices it is possible for inserted users to Interact without concern for time or space, especially among adolescents. Accompanied by digital interactions, events like those that take place in the physical environment are implied, such as the expression of violence. In this sense, we have as a general objective to consider forms of intervention of psychology at school against Cyberbullying among adolescents. Therefore, we seek to discuss suitable forms of management of psychology in the school environment in face of this phenomenon. In this context, there is a need to discuss how the phenomenon occurs and what its repercussions are on the subjects, identifying the representation of roles in their respective social dynamics. To reach the proposed theme, the exercise of the school institution and the process of subjectivation were discussed in the light of psychoanalysis, also counting on the historical reflective look. With this, not only the possibilities of psychology were evident, but they also reflected on the dynamics of the subjects that are the protagonists of the phenomenon, such as the family and the school. Thus, the research shows that an attentive care network to the constitution of the adolescent, composed of parents or guardians, and a school team, being these the main means that cross him, it is possible to work with their perspectives of themselves and the world, establishing spaces for the valuation of the different, touching directly on the bonds created in the social and the virtual.

Keywords: Adolescence. Cyberbullying. School. School Psychology

¹ Psicóloga. Pós-Graduada do curso de Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica do Centro Universitário Frassinetti do Recife – UniFAFIRE, Recife - PE | larissanunespsc@gmail.com

² Doutora e Mestre em Psicologia Clínica, psicóloga, docente e coordenadora do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO | karlafilm@facho.br | karlalunamenezes@gmail.com

1 Introdução

Com a revolução da tecnologia que incide exponencialmente sob a sociedade contemporânea, absorver e assimilar o que esse novo meio de interação provoca, vem sendo desafiador para os sujeitos. Tais mudanças alcançam as relações interpessoais, nas quais, os recursos são capazes de proporcionar comunicações imediatas que atravessam as barreiras de tempo e espaço. Assim como ocorre nas interações físicas, o ambiente virtual permite manifestações de elogios e ataques, a que, nesse aspecto, o fator da agressividade com o outro vem mostrando-se cada vez mais presente, viabilizada pela fácil acessibilidade. Entendidas como formas de violência nos meios interacionais digitais, repercutem ameaças, preconceitos, violação de privacidade, humilhações, entre outras. A comunicação estende-se por todo e qualquer lugar em que as relações humanas sejam praticáveis, constituindo um ambiente sem fronteiras para a extensão dos sujeitos mediante as ferramentas tecnológicas.

Na passagem da adolescência, o encontro com a sociedade vem representar fatores sócio-históricos que aspiram à formação para a vida adulta. Em seu percurso de constituição, o sujeito enquanto adolescente irá enlaçar-se com as ofertas do social. No tempo em que vivemos sucedem-se profundas mudanças que não demoram a tornarem-se obsoletas. Esse fenômeno de mudança vem emergir na maneira em que esse sujeito irá exercer seu papel no mundo, evidenciando uma notável complexidade nas constituições dos adolescentes contemporâneos. Atualmente as relações chamam a atenção para como os sujeitos constituem-se e assim procedem no meio. Tendo como base as relações familiares e sociais, o sujeito vem portar-se de maneira singular, e, no entanto, massificada nas situações que abarcam o social. É com o auxílio do fenômeno da tecnologia que a sociedade contemporânea evidencia sua complexidade.

No que competem seus efeitos, pode-se, inclusive, tratá-los como uma questão de saúde pública no que tange o escopo social reverberar na saúde mental e física dos sujeitos. É diante disso que se chama a atenção especialmente para o tempo da adolescência, que tem seu momento mais voltado para o que a sociedade emprega, se comparado aos outros tempos do desenvolvimento. Para tanto, a área da Psicologia que atua no ambiente escolar manifesta relevância de cunho auxiliador para a instituição, seus colaboradores, familiares e principalmente os próprios estudantes. Há uma oportunidade viabilizada pelo exercício dos

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

profissionais de psicologia que dá lugar às evidências do individual e do coletivo, no que toca seus contornos e representações. No que se refere ao exercício do psicólogo no ambiente escolar, esse profissional pode contribuir para o atravessamento da adolescência, atentando para os comportamentos do adolescente e para as relações que ele estabelece no ambiente virtual, que muitas vezes se constituem como uma extensão das relações que se dão no ambiente físico. Para esses adolescentes, nativos digitais³, o ambiente virtual faz-se um lugar significativo, e para os profissionais da psicologia pode ser um indicativo de alerta para o cuidado.

Considera-se este estudo de suma importância, vindo contribuir para novas formas de refletir a respeito do empenho da sociedade e suas instituições frente ao adolescente que experimenta situações complexas, devido às mudanças em si e às grandes transformações sociais. Assim, surgiu esta proposta de estudo, tendo como problemática: quais os manejos da psicologia no ambiente escolar diante das expressões de *Cyberbullying* entre adolescentes? Com isso, definimos como objetivo geral: ponderar formas de intervenção da psicologia escolar frente ao *Cyberbullying* entre adolescentes. Este estudo se baseou em pesquisas publicadas através de artigos científicos, dissertações e teses, além de obras clássicas de Freud, e livros de autores que abordam o social e corroboram com as considerações freudianas. Resultando, portanto, em uma pesquisa teórica e de fundamento qualitativo, por buscar a compreensão de um fenômeno social e complexo.

2 O encontro da psicanálise com a educação

O cenário da educação no espaço escolar vem se ocupar de fazer uma transmissão às crianças e aos adolescentes que circulam pelas instituições de ensino. Dentro desse cenário, a psicanálise aproximou-se de forma despreziosa, atinando para a relação entre o ambiente escolar e o processo de subjetivação, produzindo reflexões acerca do laço social que tal meio vem proporcionar, funcionando como um instrumento de mudança e construção pessoal. Nessa perspectiva, a instituição escolar é capaz de exercer um papel importante na experiência de subjetivação dos sujeitos, cumprindo uma função simbólica frente ao caminho

³ Conceito criado pelo educador Marc Prensky (2001) para se referir às gerações nascidas com disponibilidade e acesso das tecnologias digitais.

para a vida adulta na medida em que são perpassados conhecimentos precedentes à existência dos novos sujeitos que adentram nesse meio.

Nesse processo educativo, Voltolini (2019) descreve o declínio do papel que compreende o espaço escolar, dado que, o aprendizado é capaz de atravessar qualquer ambiente e com isso cada vez menos os sujeitos se limitam ao que lhe é transmitido na escola. O autor ainda diz que o lugar ocupado pela escola como instituição de grande poder perante o social, aparece na contemporaneidade partilhando seu espaço com a ferramenta da Internet. O aluno deixa de assumir o que ele vem chamar de contemplação do objeto de estudo, para uma urgência que o faz recorrer às ferramentas tecnológicas fornecedoras de informações, sem que se cumpra de fato o papel do aprendizado no meio escolar. Com isso, na atualidade as formas de aprendizado permitem ser analisadas, bem como os efeitos das tecnologias digitais que também funcionam como um terreno transmissor de conhecimentos para além da escola. Trata-se do território educacional estar ocupado de levar os sujeitos ao exercício de uma submissão a sistemas de avaliação, rotulando-os e estigmatizando-os, fazendo com que o campo experiencial seja reduzido diante das imposições que o cenário escolar marca no sujeito.

Em função do declínio do papel institucional da escola, Voltolini (2019, p. 381) diz que “a institucionalidade é um elemento que joga um papel fundamental na organização civilizatória”, apontando para o fato de que é papel da instituição escolar transmitir a Lei para os sujeitos enquanto função de grande instituição no social. Nesse sentido, as próprias práticas atuais das escolas as levam ao distanciamento do seu encargo de assegurar a transmissão da Lei, e com isso cumprir seu papel simbolizante diante do que é experienciado pelos sujeitos enquanto vivenciam o distanciamento das figuras parentais e se voltam para novas significações. Isto é, quando o sistema das escolas vai se perdendo do seu lugar de despertar a Lei para os sujeitos no social e vai deixando de sustentar as demandas provenientes dos adolescentes contemporâneos, faz-se necessário que o sistema de ensino seja revisto, uma vez que estes adolescentes se enquadram em um contexto diferente dos de outras gerações.

Assim, tais processos implicam no encontro do exercício educacional com os impasses do funcionamento escolar contemporâneo, diante da exigência do papel dos estudantes, bem como, as formas de transmitir o saber. Portanto, tomamos como um desafio compreender a educação na atualidade, o que classifica o transmitir e o apreender no meio escolar, analisando, deste modo, seus desdobramentos a partir do que apontam e como vem se dando

as suas consequências. Nessa perspectiva, destacamos o fato da constituição subjetiva de cada sujeito se dar a partir das interações com o outro mediante o desenvolvimento de laços relacionais. “Em Freud, processo educativo e processo civilizatório aparecem como sinônimos” (Voltolini, 2011, p. 48). Para mais, consideramos o ambiente escolar como um meio facilitador frente a tais interações, bem como intercessor do conhecimento diante da relação aluno-educador. Relação que, para o sujeito adolescente, mostra-se como um campo vasto no processo de investimento em referências simbólicas veiculadas pelo social ao fazer o distanciamento dos pais, apoiando a transição para tornar-se sujeito.

Para falar do processo relacional entre professor e aluno formado no ambiente escolar que faz marca na constituição do sujeito, Jerusalinsky (2004, p. 91) diz que “os cuidados possuem uma função orientadora e indicativa; e, ao mesmo tempo, o valor de uma inscrição”. Portanto, a educação se encontra esbarrando na linguagem e no dilema de que os fatores que mediam o educar se posicionam além de técnicas e definições, uma vez que o inconsciente rege incontrolavelmente as vias do conhecimento, não só para aquele que aprende, mas também para aquele que ensina. Dessa forma, o educar é marcado pelas relações estabelecidas entre professor e aluno, dependendo de como o contato com o mundo é buscado e também ofertado durante o processo interativo.

3 O tempo-espaço da adolescência

Para compreendermos o tempo-espaço da adolescência que demarca o final da infância e precede a vida adulta, implica percorrer por múltiplas direções e definições do que se espera e se pensa da fase em que eventualmente todo ser humano atravessa. Através dessa busca de entendimento, observa-se pontos voltados à categorização e à estigmatização do que é ser adolescente no cenário simbólico, real e imaginário da sociedade.

Conforme apontam Pereira e Macedo (2019), tais termos conceituados por Lacan compreendem o simbólico através das interações entre os sujeitos, atendendo as redes de significações estabelecidas pela linguagem na representação dos objetos. O real, como o que não pode ser simbolizado, nesse caso, ocorre na medida em que o sujeito se distancia da capacidade de descrever determinadas sensações, como por exemplo, descrever o real gosto de um determinado chocolate, pois isso diz de uma relação inalcançável com o objeto perdido com a entrada da linguagem. Já o imaginário, é o que representa a forma de enxergar o mundo

levando em conta a subjetividade, ou seja, podemos considerar o mundo como imutável, mas, ao ser observado do ponto de vista de cada sujeito com suas experiências e concepções, acaba por tornar-se diferente. Com isso, consideramos os efeitos do social diante do sujeito adolescente e o seu cenário de construção, bem como, os fatores que competem não apenas o corpo físico em aspectos de mudanças, mas, também, uma transição psíquica que vem apontar um abalo frente à sua própria imagem moldada até então.

Os conceitos acerca da adolescência vêm tomar corpo à medida que a sociedade passa a modernizar-se, fazendo com que sejam visíveis os efeitos do tempo na atuação do adolescente em cada cenário social, uma vez que, não é cabível pensar na constituição psíquica sem levar em conta a ligação do sujeito com o coletivo. No que tange a dinâmica dos estudos de Freud com a psicanálise, esse tempo que demarca o afastamento do tempo infantil é descrito pelo termo puberdade. Em sua obra *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade*, publicada em 1905, entende-se a partir do terceiro ensaio os processos da puberdade, caracterizando estes como fatores que constituem a essência do sujeito, de modo que o aparelho sexual deve ser funcional por meio de estímulos que podem advir do mundo externo, do interior de seu organismo e do seu psíquico, este último que organiza as demandas externas e internas.

Para Freud, o tempo que ele veio chamar de puberdade dá-se ao fim do período da latência, fase em que a sexualidade seria adormecida após ter sido despertada no período anterior a ela. Na puberdade as comunicações com a cultura as quais fazem-se necessárias, repercutem ao ponto que se produzem recalques, sublimações e mesmo os primeiros arranjos sintomáticos do sujeito. Dessa forma, é na puberdade que ocorre novamente o despertar dessa sexualidade. Enquanto no primeiro despertar há um arranjo imaginário para satisfação das pulsões parciais, o segundo aponta para a falha desse arranjo, isto é, denuncia a falta do Outro. Com a falha do simbólico e do imaginário, surgirá o real que viabilizará para uma reatualização das suas escolhas (Oliveira; Hanke, 2017). Portanto, compreendemos a adolescência não apenas como um período de mudança orgânica ou idade biológica, pois na medida em que ela toca em aspectos psicossociais, há efetivamente uma demanda do outro que recai sobre a sua configuração subjetiva. Assim, não somente descrita como uma fase difícil, para o adolescente, o momento chama para o que podemos configurar como indeterminações e incertezas.

É preciso considerar ainda o que dizem Oliveira e Hanke (2017) quando se referem à forma do adolescente portar-se diante do encontro com o real, de maneira que o desligamento dos pais nem sempre irá dar-se da forma mais rebelde e revolucionária possível. Nesse sentido, a leitura feita pela psicanálise é capaz de singularizar os sintomas manifestados por cada sujeito. Alberti (2010) diz que o adolescente se depara com a necessidade de construir as suas próprias referências e fazer suas próprias escolhas, estas que serão designadas por um lado pelos seus próprios pares, e por outro, através da introjeção dos pais no período da infância, no qual vem dar a sustentação para os novos caminhos que o sujeito irá trilhar, se nos referirmos à elaboração da falha dos pais bem executada. Quando não bem elaborada, surgirão, portanto, os sintomas devido à dificuldade existente de encontrar referências simbólicas.

4 O adolescente e o ambiente escolar

Na modernidade há uma educação compartilhada, em que o papel de autoridade do professor não é encarado como antes, uma vez que se instalaram diversos meios transmissores de significantes com efeito da tecnologia. Para Freud (1910) o papel da escola frente ao momento de afastamento dos pais que se dá na puberdade, é ofertar ao sujeito o desejo de viver oferecendo apoio e amparo no despertar para a vida além do seu núcleo familiar, isto é, tem como função chamá-lo para se erigir como sujeito e encontrar o seu lugar no meio social.

Diante desse novo contexto apresentado pelo social, Silva (2019) considera que o movimento da tecnologia trouxe muitas mudanças e que “facilmente, as automatizamos em nossas rotinas e nos esquecemos de como éramos antes desses adventos tecnológicos” (p.45). A autora ainda diz que existe uma desarmonia geracional em relação ao fenômeno, tomando como exemplo a relação entre professores e alunos, visto que isso implicará diretamente na relação entre o lugar da escola e o lugar do adolescente (Silva, 2019). O mundo virtual chama os sujeitos para vivenciar formas de existência que implicam identificar-se cada vez menos com as estruturas estabelecidas e perpassadas de geração em geração do funcionamento da sociedade e outras instâncias. Trata-se de uma atualização que diverge de atualizações constituídas outrora.

Nesse sentido, existe um processo civilizatório que se constitui de maneira intrínseca às instituições de ensino em função dos discursos estabelecidos por eles, conferindo ao aluno

uma cristalização diante dos objetivos institucionais. Portanto, a educação dá um passo para trás na medida em que recusa o novo que os sujeitos contemporâneos são capazes de trazer para promover discussões com teor fundante para o meio. A psicanálise, de acordo com Silva (2019), expõe o papel do educador no que tange ser permissivo com a singularidade de cada aluno, atendendo as demarcações culturais.

Portanto, o método educativo cristalizado incidindo sobre os sujeitos contemporâneos suspende o educar no sentido de construir-se de maneira efetiva, de modo que se apresenta a necessidade do repensar a prática pedagógica, objetivando enfrentar os desafios que a contemporaneidade traz sob as esferas familiares e sociais, bem como tecnológicas. É preciso que se encontre um diálogo que permita a troca de opiniões e ideias estimulando a formação de sujeitos crítico-reflexivos, capazes de enfrentar as problemáticas advindas do social moderno.

5 As novas formas de se relacionar na contemporaneidade

Salientando o princípio da revolução tecnológica, tendo início por volta do século XIX, podemos evidenciar produções de impactos não só na individualidade do sujeito, mas também a condição do social e dos laços criados diante das relações, especialmente, se partirmos do manuseio das ferramentas tecnológicas digitais, como celulares e computadores. As novas vivências no ambiente tecnológico produzem ideais para os sujeitos que ao moldarem-se às exigências preestabelecidas no meio virtual, estarão firmados como sujeitos na sociedade. Dentre os ideais, podemos inclusive nos deparar com condições impostas para o inalcançável, principalmente devido à fluidez que o aspecto digital produz diante do que incita. Cabendo-nos considerar até mesmo provocação de ações que tocam nas leis e na moral da cultura, barrando o sujeito involuntariamente. Em contrapartida, no real se encontra o que vem limitar e frear os desejos incessantes, resultando em uma dificuldade de suportá-lo. Bonomo (2019) se refere a esse processo como uma fuga de nós mesmos e do mundo físico enquanto é permitido através das redes construir-se outros universos que permitem ao sujeito distanciar-se da sua realidade e vulnerabilidades.

É dessa forma que podemos observar o amparo ofertado pelo virtual frente às dificuldades de suportar a vida corpórea, fazendo com que se perca a realidade por viver de idealizações que destoam do real. “Acaba que o sujeito constrói algo próprio de si mesmo,

para ele mesmo se regozijar, enquanto promove um pedido de reconhecimento [...]” (Bonomo, 2019, p. 32). Não bastassem as idealizações com o objetivo de fugir do real, alguns sujeitos buscam, inclusive, fugir das identidades virtuais criadas por eles mesmos, se distanciando ainda mais do seu existir, se considerarmos esse existir no meio virtual. Portanto, os sujeitos têm desdobramentos frente a sua existência cada vez mais vulneráveis e menos benevolentes no cenário da tecnologia, contexto no qual podemos considerar a impossibilidade do retrocesso, uma vez que progressivamente surgem meios inovadores que atraem tanto seus usuários nativos, quanto os que ainda não são.

Desse princípio, devemos levar em consideração que o sujeito preconizado pela psicanálise no tempo de Freud pode ser diferente do sujeito que vive na contemporaneidade. Pensar no mundo contemporâneo e suas implicações no inconsciente requer uma aproximação com o social, uma vez que o sujeito se forma a partir do que o cerca. Oliveira e Hanke (2017) descrevem que o lugar do Outro⁴ sempre será para onde o sujeito irá direcionar suas questões, pois o Outro é morada do significante. Portanto, existem efeitos produzidos pelo real que estão em constante mudança e sofrendo alterações, afetando e influenciando os discursos dominantes das culturas, conseqüentemente, interferindo na forma que o sujeito, na sua construção, irá posicionar-se frente à sexualidade, bem como, seu existir no mundo.

Teixeira (2019, p. 124) se refere à adolescência como “o momento de busca de funcionamento de outra Lei, de outro território”, dessa forma, é a partir de tal fato que podemos analisar a dificuldade dos adolescentes no cenário atual. As circunstâncias que gravitam no social contemporâneo podem dificultar as formas de simbolizações enquanto o encontro relacional do sujeito com o Outro, para que se entre em uma nova forma de existir ou colocar-se no mundo após o distanciamento do seu vínculo da infância. Há um debruçar-se sobre si mesmo que vem rompendo com o coletivo devido à oferta do gozo eterno na ordem do inconsciente, o valor representativo do Outro encontra-se cada vez mais faltoso no que tange à representação dos valores normativos da sociedade.

Considerando o que descreveu Gomes:

[...] a linguagem digital tem como principal característica a volatilidade, libertando-se de suportes fixos para se manifestar, tais como a página de um livro, o quadro do

⁴ Como ressalta Pena e Silva (2018), na psicanálise lacaniana é necessário que haja um Outro para que se possa adentrar na linguagem e na cultura. Isto é, o Outro é feito através da rede simbólica, assim como o inconsciente, e é posto a partir de uma determinada cultura que vem a ser introduzida através de um terceiro. A partir disso, é possível fazer-se sujeito da psicanálise.

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

professor, a fotografia do porta-retratos. O ciberespaço integra todas elas e lhes dão nova estrutura, do estável ao dinâmico, do linear ao interativo. (Gomes, 2019, p. 38).

É nesse cenário que o ambiente escolar esbarra no desafio à tradição da execução dos seus métodos diante do sujeito. Anacleto e Fonseca (2021) dizem que: “a escola padece da crise do mundo moderno, tanto de voltar atrás quanto de ir simplesmente em frente”. Com isso, pensamos nas ofertas tecnológicas que passaram a implicar na constituição dos sujeitos, trazendo permissividades divergentes das que o real simbólico configurava como referência. O existir na era da informação proporciona significativamente a resignificação de papéis no que toca a constituição psíquica, bem como, as relações. O acesso às informações e referenciais ocorre de maneira fluida e sem barreiras que possam limitá-los. Podemos considerar, nesse sentido, comportamentos que no real social estariam no alvo de censuras e barreiras, quando sendo executados no meio virtual, não passam necessariamente por um crivo bloqueando autores de atos destrutivos.

Bonomo (2019) descreve o mundo tecnológico utilizando o termo “Não-lugar” para descrever o novo espaço que os sujeitos ocupam, na medida em que há um desaparecimento de si mesmo no real e criam-se ambientes como uma fuga que o estabiliza a partir das ferramentas ofertadas pela tecnologia. O sujeito é levado a ter uma perspectiva de volatilidade, há ofertas que simulam o preenchimento do vazio que a adolescência enfrenta de maneira desenfreada, consumidores em potencial. De acordo com Teixeira (2019) o sistema está cada vez mais adoecido e os sujeitos vivem gradativamente mais individualistas, e com isso é possível perceber o crescimento de melancolias e fobias, como um pedido de socorro dos que não conquistam o objeto absoluto gerador da felicidade que a tecnologia promete ofertar. O autor ainda diz que a adolescência é um momento de busca de outra Lei que não seja a dos seus pais, uma vez que vem afastar-se deles nessa fase, e com isso, atos de delinquência devem ser considerados como sinalizadores de que algo está necessitado de um cuidado.

6 *Cyberbullying* na configuração do adolescente

Para caracterizar comportamentos como ofensas, perseguição, violação e intimidação nos âmbitos digitais, usamos o termo *Cyberbullying*. Segundo Ferreira e Deslandes (2018) configuram-se como *Cyberbullying* atos de agressão entre adolescentes que interagem nas

redes sociais digitais, sendo estes por meio de mensagens de texto, fotografias, e mesmo jogos, tendo ferramentas como mediadoras que capacitam o estabelecimento do contato sem a necessidade da demarcação dos corpos físicos. As autoras ainda afirmam que o ato de destruição do outro na cultura cibernética é considerado importante para definição do termo.

Embora o processo se dê em ambiente diferente, o *Cyberbullying* traz as categorias de vítima, agressor e espectador, tal qual, ocorre com o *Bullying* no ambiente físico-presencial. Xavier (2019) vem descrever as raízes da violência com base nas considerações de Freud, fazendo-se compreender que suas formas de expressão estão nos processos de comedimento que o sujeito passa em nome da sociedade. De acordo com ela, há uma necessidade de segregação do diferente como proteção que é passada pela cultura, fazendo com que haja uma imposição de poder e força nas relações dos sujeitos. Assim como dizem Fujita e Ruffa (2019), apesar do ambiente de atuação distinto entre *Bullying* e *Cyberbullying*, ambos se movem à base de intolerância com o novo ou o diferente, submetendo as vítimas a agressões que potencializam efeitos nocivos em aspectos psíquicos. Algumas vítimas de violência física ainda podem adotar a prática de comportamento virtual para intimidar seus agressores, desfrutando das vantagens de estar escudado pelas telas.

O movimento do *Cyberbullying* implica no estabelecimento de outras violências. Ferreira (2018) afirma que as práticas virtuais são de teor racista, de cunho sexual, e mesmo direcionadas a atacar a orientação sexual dos sujeitos que tomam como vítimas. Considerando que, dessa forma, não há um refúgio para a expressão de violência praticada no ambiente escolar, de modo que, esta é capaz de estender-se para o virtual em função do livre acesso no encontro com o imaterial, tomando longo alcance por meio das redes sociais digitais.

7 Manejos da psicologia escolar diante do *cyberbullying*

As implicações das diversas esferas que os adolescentes circulam têm um papel importante na cautela com o fenômeno do *cyberbullying*, bem como, criar meios que contemplem a ressignificação das dificuldades que tais sujeitos vêm atravessar. “[...] Seu enfrentamento deverá ser de modo holístico, tridimensional até: família e instituições de ensino imbricados, tecnologia e legislações” (Fujita; Ruffa, 2019, p. 7). Assim, atentamos para a necessidade de práticas que favoreçam a relação do sujeito consigo e com o outro, para

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

a não disseminação de atos violentos no contexto virtual que partem de vivências no real. É nesse sentido que Fujita e Ruffa vêm considerar:

Em termos de *cyberbullying*, torna-se necessário que a prevenção sempre se sobreponha à repressão, uma vez que essa última, em muitos casos, traduz-se em uma medida extemporânea, quando o dano já cravou e projetou seus efeitos. É essencial que essa postura cautelosa seja adotada tanto pela família, quanto pelas instituições de ensino na condição de *stakeholders* (partes interessadas) com o auxílio da tecnologia. (Fujita; Ruffa, 2019, p. 3).

Os sujeitos que constituem o fenômeno podem ser assistidos e, com isso, alcançar meios de enfrentamento facilitados por diferentes esferas que compõem o contexto em que o sujeito transita. É importante ressaltar que seu enfrentamento pode variar de acordo com as localidades, de modo que ideias de prevenção e intervenção podem ser incorporadas de acordo com o funcionamento de cada cultura. Com isso, o ambiente escolar é tomado como uma das principais entidades responsáveis por esforços de cunho interventivo em qualquer localidade (Ferreira, 2018). Existe uma demanda que requer articulação, no que tange elaborar manejos capazes de prevenir práticas de violência no ambiente virtual. Além da instituição escolar, profissionais da saúde têm como destaque a capacidade de oferecer suporte no que diz respeito ao uso da Internet e os comportamentos praticados nela.

Partindo dessa compreensão, o ambiente familiar como primeiro grupo que o sujeito vem socializar, tem notável inclinação para intervenções mais assíduas diante do uso da tecnologia pela criança e adolescente, no monitoramento e orientação do trilhar do sujeito pelo mundo virtual-digital. As instituições de ensino, por outro lado caracterizadas como ambiente social que permitem interações de cunho fundantes para o sujeito, também são capazes de assumir responsabilidade na conscientização do uso das ferramentas tecnológicas e as relações que nelas são estabelecidas. A oportunidade da escuta como recurso auxiliador não apenas pela instância educacional, mas também, concomitantemente com o auxílio da família, é capaz de promover uma educação ética a respeito do mundo digital com escopo preventivo de possíveis danos entre pares, capazes de reverberar no contexto social, potencializando infortúnios no processo de subjetivação do adolescente contemporâneo. Valendo ressaltar como dão-se as singularidades para a então eficácia de tais mediações, especialmente vindas da escola, pois, “a tentativa de uniformização na massa intensifica o acirramento frente ao diferente” (Xavier, 2019, p. 46).

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

A título da psicologia, França (2019) descreve que a sua prática é baseada em concepções teórico-metodológicas facilitadoras para a compreensão da subjetividade humana e os fenômenos psicológicos, considerando intervenções para as questões de desigualdade e estruturas sociais que convocam a atuação dos profissionais da área. As intervenções psicológicas têm competência de alcançar diversos fenômenos que permeiam por entre as demandas trazidas ao ambiente escolar pelos alunos, considerando a importância a que estas vêm assumir diante da perspectiva institucional e cristalizada que se estende até a atualidade.

Em termos de intervenção, Gomes endossa que:

Ao fazer circular a palavra, é possível que as identificações cristalizadas cedam, dando lugar a novas identificações que favoreçam o laço social. Esse espaço da escuta sustentado pela ética da psicanálise não visa à cura do sintoma, mas sim à palavra que, ao bordejar o real, apazigua a angústia. A associação livre na forma coletivizada dá lugar às diferenças, às singularidades, mesmo no espaço coletivo. Na conversação, as palavras circulam em torno de um vazio central, lugar da falta significante que opera como causa. (Gomes, 2018, p. 87).

Em vista disso, nos voltamos para a qualidade e relevância dos laços relacionais estabelecidos dentro e fora do ambiente escolar em aspectos de prudência com os cuidados atrelados ao *Cyberbullying*. Empenhar-se para que se reduzam as violências nas escolas se faz necessário, adotando intervenções como palestras, rodas de conversa, e tomar principalmente, o corpo escolar como detentores da missão de ensinar e aprender com comprometimento do que corresponde ir além do ensino, isto é, se atentar no que toca as relações estabelecidas nesse ambiente e como estas vem se dando (Milic; Áron, 2000). O ambiente escolar pode proporcionar a inclusão do tema da tecnologia, bem como seu uso, correlacionando com questões do social, e mostrando a perspectiva do sujeito através do que expressa nas redes digitais, suas formas de lidar com o mundo e com os outros. Com isso, a capacitação de professores faz-se essencial para clarificar o fenômeno do *Cyberbullying* e seu efeito em diversos aspectos de quem sofre, sem preterir quem o pratica. Ações de combate e conscientização contra o exercício da violência demandam uma atuação em conjunto, pois, não compete engessar uma forma de intervenção frente ao fenômeno que se conserva com fluidez.

8 Considerações finais

Este artigo que buscou responder à pergunta “quais manejos da psicologia no ambiente escolar diante das expressões de *Cyberbullying* entre adolescentes?”, trouxe a revisão da literatura sobre os fundamentos psicanalíticos e histórico-culturais para se aproximar do objeto em questão. Demonstrou uma compreensão sobre a sociedade contemporânea, evidenciando sua estrutura apoiada em influentes transformações que contribuem para a formação dos sujeitos na sua individualidade e na coletividade. Tais aspectos fazem alusão às peculiaridades da sociedade que compõem este tempo histórico e seus papéis sociais, inculcando novos desafios.

Em tal direcionamento, foi relevante o entendimento do fenômeno do *Cyberbullying* como uma das expressões de violência na modernidade e como esse fenômeno se manifesta dentro de um recorte de faixa etária, sendo neste caso, o tempo da adolescência. A partir das reflexões feitas sob a ótica do social, verificou-se que as implicações de se relacionar através de ferramentas virtuais recaem sobre a subjetividade e formação da sociedade, além de corroborar com as visões de mundo. Foi possível observar, que com o advento da revolução tecnológica, permissiva de novas maneiras de interagir com o outro, o sujeito adolescente se encontra implicado em um contexto complexo que interage na sua relação com o meio que circula.

Em vista disso, percebemos que as propostas de intervenção da psicologia no âmbito escolar diante dos comportamentos apresentados pelos adolescentes, aspirando em conjunto com a equipe que compõe a escola, sugerem uma implicação de todos os âmbitos que cercam o adolescente, promovendo uma rede capaz de assistir os sujeitos na sua maneira integral. Tratar da fase da adolescência nos permite refletir sobre o ambiente escolar e o que este proporciona aos sujeitos como uma segunda casa após o distanciamento dos pais. Essa dinâmica educacional anuncia o impacto de seu exercício sob o sujeito, percorrendo para além do ambiente escolar.

Na dimensão social, portanto, propõe-se, a ampliação de manejos como forma de promoção da saúde mental dos futuros adultos das sociedades modernas, além do incentivo à mudança de perspectiva escolar, bem como, o acolhimento frente ao novo, para que se tenha acesso a uma educação franca com as demandas trazidas pelos jovens contemporâneos em seus mundos físicos e virtuais, com teor compreensivo e orientador. É fundamental, ainda, que haja investimento em estudos e pesquisas sobre as áreas de tecnologia interligadas à saúde mental, sobretudo na perspectiva da formação de sujeitos. Estar atento ao futuro é

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

essencial, ponderando os recursos sociais e o desenvolvimento dos sujeitos que estarão passíveis às imposições fluidas do social. Sugerimos então que possamos perceber o papel da psicologia no ambiente escolar como uma esfera estimuladora, que convoca outros âmbitos para juntarem-se à promoção de saúde e bem-estar dos sujeitos, expandindo seus resultados para além da escola.

Referências

ALBERTI, Sonia. **Esse Sujeito Adolescente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

ANACLETO, Julia Maria Borges; FONSECA, Paula Fontana. De que crise se trata na adolescência contemporânea? Algumas considerações psicanalíticas e educacionais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-13, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/9VL68Td8cpB8w4TmHVXBrwx/abstract/?lang=en#>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BONOMO, Hudson Augusto Rodrigues. **A Psicanálise em Tempos de Tecnocultura: aporias em um novo tempo**. Rio de Janeiro: Hudson Augusto Rodrigues Bonomo, 2019.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa; DESLANDES, Suely Ferreira. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 23, n. 10, p. 3369-3379, out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>. Acesso em: 19 out. 2021.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa. **Cyberbullying de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação**. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CRUZ_9af3d50fdd51698bf0b9e616578bf166. Acesso em: 11 out. 2021.

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

FRANÇA, Sandra Carla Pereira de Lima. **Educação e "interdisciplinaridade"**: uma análise da inserção do/a assistente social e do/a psicólogo/a no espaço escolar. 2019. 150 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pró-reitoria Acadêmica, Coordenação Geral de Pós-graduação, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCAP_97088a8bd7af0b08a5832b16fa9b923a. Acesso em: 12 out. 2021.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. [S. l.]: Imago, 1910. 11 v.

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre Sexualidade e Outros Trabalhos**. [S. l.], Imago, 1901-1905. 7 v.

FUJITA, Jorge Shiguemitsu; RUFFA, Vanessa. Cyberbullying: família, escola e tecnologia como stakeholders. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 33, n. 97, p. 401-412, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/pSp8hgXLcG786hZpVGNqPNH/?lang=pt#>. Acesso em: 07 out. 2021.

GOMES, Alice Chaves de Carvalho. **O Sujeito das redes sociais digitais**: posição adolescente e os impasses de separação frente ao olhar do outro. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_0974fb4b4a8686e6f264063d6cc48dd4. Acesso em: 01 set. 2021.

GOMES, Patrícia da Silva. **Adolescentes e internet**: o risco como aposta. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_1f7a2a4e8e8d444a6203d42539b58f69. Acesso em: 13 out. 2021.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil**: um enfoque transdisciplinar. 3. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

MILICIC, N.; ARÓN, A. M. Climas Sociales Tóxicos y Climas Sociales Nutritivos para el Desarrollo Personal en el Contexto Escolar. **Psykhe**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2000. Disponível em: <https://revistaaisthesis.uc.cl/index.php/psykhe/article/view/20495>. Acesso em: 17 maio 2023.

OLIVEIRA, Humberto Moacir de; HANKE, Bruno Curcino. Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 295-310, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/4jFrrdpMF8HBsMgFwMWkdqr/?lang=pt#>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PENA, Breno Ferreira; SILVA, Ronildo Deividly Costa da. O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 49, p. 81-90, jul. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2023.

PEREIRA, Leony Bruno de Souza; MACEDO, Ricardo Marques. Entre o real, o simbólico e o imaginário: Uma leitura lacaniana do conto “Uns braços”, de Machado de Assis. **Revista Fronteira Digital**, [s. l.], n. 7, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/3431>. Acesso em: 28 set. 2021.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On The Horizon. Ncb University Press**, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

SILVA, Daniela de Souza. **Bricolagens no ciberespaço: tecendo laços sobre adolescência, ficção e escola**. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em:

DOI: 10.24024/23585188v16n1a2023p01040121

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_b6c02c2af4a86bd04b4c121df7b51226. Acesso em: 02 set. 2021.

TEIXEIRA, Sérgio Henrique. **Interseccionalidade e mal-estar na adolescência**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_5a59351f947ba6a04ed5b80b4856b037. Acesso em: 30 ago. 2021.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 84 p.

VOLTOLINI, Rinaldo. A insustentável leveza da escola. **Estilos Da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 380-383. 3dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p380-383>. Acesso em: 29 ago. 2021.

XAVIER, Lilian Martins Patrício. **Indústria cultural, narcisismo e o ódio nas redes sociais**. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG_967196f9a3c22c25bf16fba91fea017c. Acesso em: 12 out. 2021.